

**MINOIS, Georges. *História do Inferno*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2023. 146 p. ISBN-13: 978-65-5711-185-7**

Francisco Benedito Leite \*

Vários livros da autoria de Georges Minois têm sido traduzidos para a língua portuguesa e publicados pela Editora UNESP, que realizou um trabalho editorial de excelência em todas as obras desse autor que tive acesso até o momento – justamente como é de se esperar de uma editora universitária.

Também *História do Inferno*, publicado em 2023, tem um aspecto muito agradável, tanto no que diz respeito à sua diagramação, à qualidade de seu material e especialmente à sua capa, que traz *Der Schamane* [port. O Xamã], de Sascha Schneider. Essa imagem parece sugerir uma ambiguidade quanto à relação entre o xamã e os demônios, sobre quem manipula e quem é manipulado – ao menos eu tive essa clara sensação ao vê-la. A ideia de que o inferno é uma construção utilizada para manipulação da humanidade – ainda que isso não seja feito necessariamente em estado consciente – faz parte do conteúdo apresentado pelo historiador das mentalidades, Georges Minois. Uma hipótese bem interessante e fundamentada no ateísmo, ao qual o autor faz questão de declarar sua adesão em vários de seus livros. Vale ainda acrescentar sobre o aspecto editorial do livro, que a tradução de Fernando Santos e a correção em língua

---

Artigo submetido em 28 de agosto de 2024 e aprovado em 18 de junho de 2026.

\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-7295-6285. E-mail: ethnosfran@hotmail.com.

portuguesa são trabalhos exímios.

O livro está dividido em nove capítulos breves: “1. O inferno das civilizações orais” (2023, p.13-22); “2. Os infernos das grandes religiões orientais antigas” (2023, p.23-32) “3. Os infernos pagãos clássicos” (2023, p.33-46); “4. Os infernos bíblicos e hebraicos” (2023, p.47-58); “5. A elaboração do inferno cristão” (2023, 59-78); “6. Os derivados do inferno cristão” (2023, p.79-86); “7. Os usos do inferno da Idade Média ao século XVI” (2023, p.87-104); “8. Apogeu e questionamento do inferno (séculos XVII-XIX)” (2023, p. 105-126); e “9. As metamorfoses do inferno (séculos XIX-XX).

Quanto ao conteúdo de *História do Inferno*, não o apresento com o mesmo entusiasmo que apresentaria outras obras desse autor, como por exemplo, *História do Riso e do Escárnio* (2003). Este é um livro de caráter único em língua portuguesa, que apresenta a manifestação de seu principal objeto, o riso e o escárnio, ao longo da história da humanidade em meio à discussão com os grandes expoentes do assunto, como Mikhail Bakhtin e Henri Bergson, por exemplo. Nesta obra, Minois não pula etapas, nem abrevia argumentos, tampouco faz conexões diretas entre assuntos indiretamente relacionados.

No entanto, diferentemente disso, em *História do Inferno*, apesar do título, não há uma narrativa do referido fenômeno cultural construída nos mesmos moldes. O que há é um resumido apanhado de concepções sobre o inferno que surgiram ao longo da história em culturas que não estavam necessariamente conectadas. Já que o livro é assim, deveria conter um subtítulo com algo como “Um resumo”, “Estudo breve” ou alguma coisa semelhante para que o leitor não se frustrasse, como eu, que me decepcionei bastante.

Enquanto *História do Riso e do Escárnio* tem 653 páginas, *História do Inferno* tem apenas 146, então é de se esperar que o conteúdo de um seja muito mais denso que o do outro, tendo em vista que ambos os assuntos de cada um dos livros são profundos e exigentes e as dimensões dos livros são bem diferentes. O problema de *História do Inferno* é que o título do livro promete uma coisa que não cumpre. Enquanto o título das outras obras do mesmo autor prometeram e cumpriram com êxito a realização da apresentação coerente e crítica de um

determinado elemento da cultura humana, a complexidade cultural do inferno não foi apresentada a contento na obra que apresento aos leitores dessa resenha.

Destaco no livro, por exemplo, a ausência do inferno da Sátira Menipeia, como consta na obra de Luciano de Samosata. Esse retrato do inferno é muito relevante para o desenvolvimento do inferno medieval, como constam em obras conhecidas, como *Apocalipse de Pedro*, *Visão de Paulo*, *Visão de Tündalo*, e *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

No livro de Minois também falta uma descrição do inferno popular contemporâneo, pois ainda na contemporaneidade há muita gente que crê na existência do inferno. Há muitos relatos que o descrevem tanto no discurso oral quanto na divulgação em massa. Basta conversar com pessoas nas portas das igrejas pentecostais pobres das periferias do Brasil e procurar pela palavra “inferno” no YouTube. Talvez isso não seja pressuposto por um erudito de um país secularizado do norte global ou, mesmo que pressuponha sua persistente existência, diminui sua relevância cultural por estar mais preocupado com retratos canônicos.

Na minha opinião, o maior problema do livro é sua apresentação dos infernos canônicos, isto é, o autor se dedica a apresentar uma visão ampla do inferno que inclui a África negra, os infernos xamânicos, a América pré-colombiana e os infernos germânicos e escandinavos, mas não apresenta a pluralidade de perspectiva que os retratos do inferno têm, nem as nuances e sutilezas de linguagem que o constituem. Talvez se fosse realizada uma delimitação do tema, que incluísse o inferno de apenas uma determinada cultura, o trabalho poderia se aprofundar mais em sua pluralidade. Se a intenção era uma visão ampla, a obra deveria ser maior. Somos exigentes quanto ao trabalho de Minois, porque ele nos cria essa expectativa, tendo em vista seus excelentes trabalhos anteriores. Além disso, as obras sobre o inferno, como as de Martha Himmelfarb (1985), Bart Ehrman (2020) e Jacques Le Goff (2017), dados os seus determinados propósitos, elevaram o nível da discussão sobre o assunto.

A falta de profundidade e de conexão entre os infernos faz com que o livro de Minois deva ser classificado como uma obra de divulgação científica e não

como uma obra erudita de primeiro escalão, como é o caso dos demais livros seus que conhecemos. Precisamos de obras de divulgação científica e, nesse sentido, *História do Inferno* é muito bem-vinda, apenas devemos saber o que esperar dela.

Assevero ainda que de acordo com os argumentos que acabei de trazer, *História do Inferno* tem pouca relevância para estudantes de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Teologia e outras áreas das humanidades que se interessem diretamente pelo tema. Ao invés desses grupos especializados, *História do Inferno* de Minois deve atender aos interesses de estudantes dos anos iniciais, leigos e demais interessados em cultura geral.

## REFERÊNCIAS

EHRMAN, Bart. **Heaven and Hell: A History of the Afterlife**. New York: Simon & Schuster, 2020.

HIMMELFARB, Martha. **Tours of Hell: Apocalyptic Form in Jewish and Christian Literature**. Augsburg Fortress Publishing, 1985.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2017

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.